

Milliet nega novo choque

BRASÍLIA — Não há a menor possibilidade de um novo choque na economia, a curto ou médios prazos, sem antes o governo resolver o problema do realinhamento dos preços e da contenção do déficit público, disse o novo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, em rápida entrevista à imprensa após a solenidade de posse que contou com a presença maciça dos banqueiros privados.

O ajustamento da economia brasileira, disse Milliet, será executado no sentido de "assegurar crescimento e o processo de modernização da economia, de forma que se consiga elevar a taxa de investimento público e privado a algo em torno de 18% a 21% do Produto Interno Bruto, compatível com taxas de crescimento de 6% a 7% ao ano", a médio prazo.

No discurso de posse, o economista Ferriando Milliet deu um recado indireto ao PMDB — o deputado Mauro Benevides (PMDB-CE) participou como representante pessoal do deputado Ulysses Guimarães —, ao explicar o que significa o ajustamento econômico de curto prazo anunciado, na semana passada, pelo ministro Bresser Pereira.

— Não se está falando necessariamente em recessão e desemprego. A isto a nação poderá ser levada, sim, como já o foi no passado, se deixar de promover, a tempo, os ajustamentos necessários, e permitir que se chegue a uma situação de impasse ou de estrangulamento.

Dante dessas premissas, argumentou Milliet, "é extemporâneo o atual debate sobre a aplicação de um novo choque na economia brasileira". É fundamental no momento completar o ajustamento dos preços relativos, especialmente das tarifas públicas, e equacionar a situação financeira do setor público, alegou.

Quanto ao desequilíbrio financeiro dos estados e municípios, Milliet não deu boas notícias aos aflitos governadores do PMDB. Na sua opinião, caberá ao Con-

gresso Constituinte promover uma ampla reforma fiscal capaz de redimensionar os direitos e deveres entre a União, os estados e os municípios. Diante do atual quadro de dificuldades, alertou, não há saída fora de uma política realista de crescimento econômico.

A seu ver, a distribuição de renda só é viável, na prática, se se puder ajustar a oferta a um novo perfil de demanda, que reflete uma sociedade mais justa, e isto requer investimento e crescimento. "A questão não é se optamos por crescimento ou recessão, porque nenhuma nação tem futuro com políticas econômicas recessivas."

As taxas de juros internas serão administradas pelo Banco Central de modo a evitar uma explosão do consumo, sem a contrapartida dos investimentos. Serão necessários, para isso, juros reais mas não explosivos, comentou.

□ **BRASÍLIA** — O ex-presidente do Banco Central, Francisco Gros, em seu discurso de despedida, provocou verdadeiro delírio entre os funcionários do BC ao defender que o "presidente e os diretores do banco sejam indicados pelo presidente da República e tenha seus nomes referendados pelo Senado". Pelo menos três minutos ininterruptos de palmas se seguiram às palavras de Gros, diante do ministro da Fazenda Bresser Pereira, e do novo presidente do banco, Fernando Milliet.

"E agora, não mais tolhido pelas funções de presidente do banco, quero unir minha voz à dos demais ex-presidentes desta casa, reiterando a absoluta necessidade de criarmos um Banco Central independente e estável", argumentou Gros.